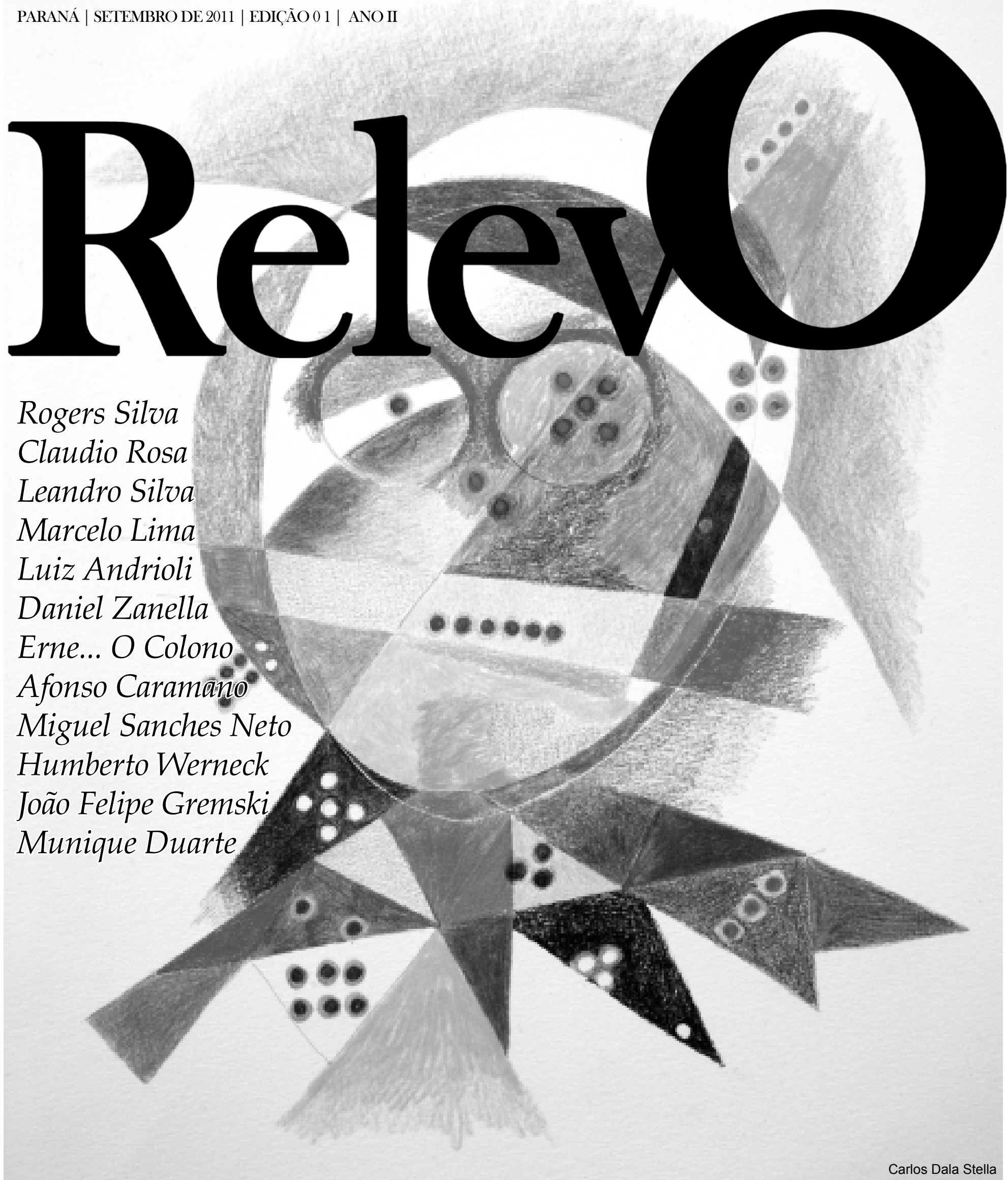


PARANÁ | SETEMBRO DE 2011 | EDIÇÃO 01 | ANO II

# Relevo



*Rogers Silva  
Claudio Rosa  
Leandro Silva  
Marcelo Lima  
Luiz Andrioli  
Daniel Zanella  
Erne... O Colono  
Afonso Caramãno  
Miguel Sanches Neto  
Humberto Werneck  
João Felipe Gremski  
Munique Duarte*

# RelevO

## Editorial

*“O Diabo é um otimista que pensa que pode tornar os seres humanos piores.”*

Karl Krauss

Em Aforismos

Leitor: essa edição que você tem em mãos é a consolidação de nosso projeto literário.

Estamos a completar um ano de circulação ininterrupta. Nesse período, publicamos mais de quarenta cronistas, diversos fotógrafos e ilustradores, levamos nosso periódico para universidades, escolas, livrarias, sebos, feiras, bibliotecas, espaços culturais, açougues. Fizemos, ao nosso modo, alguma discussão jornalística sobre os limites da crônica. [E tivemos pouco prejuízo ao final do mês.]

Foi um ano repleto de dificuldades, entraves e não - também um certo reconhecimento da crítica e o apoio irrestrito de muitos de nossos patrocinadores, colaboradores e leitores.

Muito obrigado a todos.

\*

Para esse segundo ano, planejamos algumas incorporações gráficas, a ampliação do número de páginas de oito para doze páginas, a publicação de artigos sobre a crônica e a abertura irrestrita para os es-

critores que pretendam divulgar o próprio trabalho. Seguiremos com a nossa discreta convergência virtual e faremos uma versão em áudio de nossas edições. [Nesses programas semanais de rádio, divulgaremos alguns concursos de crônica e resultados de prêmios.]

Tenha certeza: o exemplar que você folheia é o resultado do empenho de muitas pessoas, de um certo desapego financeiro e da paixão pela literatura.

Uma boa leitura a todos.

## O Meu Pipi

Poderia aqui citar mais de dez blogs brasileiros que estão merecendo virar livro de papel, mas não vou fazer isso. As editoras que entrem no século vinte e um e se virem.

Mario Prata

## Apoio Cultural



## Colaboradores

### Rogers Silva

Escritor mineiro. Publica seus textos no endereço [rogerssilvaoriginal.blogspot.com](http://rogerssilvaoriginal.blogspot.com) e integra o coletivo literário O Bule.

### Afonso Caramano

Escritor de Jaú (SP), formado em Letras e integrante de diversas antologias nacionais de crônica.

### Leandro Silva

Jornalista paulistano. Divulga seus trabalhos no endereço [portfoliolsilva.blogspot.com](http://portfoliolsilva.blogspot.com)

### Marcelo Lima

Jornalista e professor, orientador do Lona - Jornal-laboratório do Curso de Jornalismo da UP.

### Claudio Rosa

Professor e tradutor paulista. Publica seus textos no endereço [onumero8.blogspot.com](http://onumero8.blogspot.com).

### Daniel Zanella

Cursa 4º período de Jornalismo na UP. Publica suas crônicas no endereço [letrasnumcanto.com.br](http://letrasnumcanto.com.br)

### Erne... O Colono

Poeta araucariense, autor de Inspiração, (2011).

### Luiz Andrioli

Jornalista e escritor. Publica seus textos no endereço [luizandrioli.com.br](http://luizandrioli.com.br)

### Miguel Sanches Neto

Escritor, professor e crítico literário. É colunista da Gazeta do Povo e publica seus textos no endereço [herdandoumabiblioteca.blogspot.com](http://herdandoumabiblioteca.blogspot.com)

### Humberto Werneck

Jornalista e escritor mineiro. É um dos colunistas do coletivo literário Vida Breve e do Estado de S.Paulo.

### João Felipe Gremski

Escritor paranaense. Cursa Letras na UFPR.

### MunIQUE Duarte

Jornalista de Santos Dumont (MG). Publica seus textos no endereço [textosimperdoaveis.blogspot.com](http://textosimperdoaveis.blogspot.com)

### Marcos Monteiro

Cursa 4º período de Jornalismo na UP. Publica suas fotografias no endereço [flickr.com/marcos\\_efe](http://flickr.com/marcos_efe) e textos no endereço [disfim.wordpress.com](http://disfim.wordpress.com)

### Zaclis Veiga

Fotógrafa, jornalista e professora, coordenadora do curso de Jornalismo da Universidade Positivo

### Carlos Dala Stella

Poeta, pintor e ilustrador. Publica seus trabalhos no endereço [dalastella.blogspot.com](http://dalastella.blogspot.com)

### João Macul

Fotógrafo curitibano. Cursa o 6º período de Publicidade e Propaganda na UP.

### Amanda Queiroz

Cursa 6º período de Jornalismo na Universidade Positivo.

## ✓ Expediente

Edição: Daniel Zanella

Revisão: Kelly Knopik

Diagramação: Marcos Monteiro e Daniel Zanella

Fotógrafo responsável: Marcos Monteiro

Impressão: Gráfica Helvética

Tiragem: 2000

Edição finalizada em: 30 de agosto, 20h.

## ☞ Contato

Twitter: [www.twitter.com/jornalrelevo](http://www.twitter.com/jornalrelevo) | Facebook: Jornal Relevo  
Envie suas crônicas, críticas e sugestões para [jornalrelevo@gmail.com](mailto:jornalrelevo@gmail.com)



*O Relevo, às vezes, não se responsabiliza pelo conteúdo publicado de seus autores.*

# Carta Para Depois da Morte

Daniel Zanella

Hoje é o dia seguinte e pouco bom senso está sendo dito sobre mim e meu percurso afetivo. [Essa tentativa igualmente mórbida de se afirmar para além do indivíduo.] Sei que não há motivos para maiores honrarias e púlpitos, sequer desejo alarde para algo tão banal e necessário quanto morrer. Entretanto, sinto a lápide mais turbulenta do que pretendi, com flores carregadas de cinzas e homenagens que nunca cultivei.

Interessa-me, através dessa carta simples e incisiva, apenas repercutir um tanto do que tentei ser através das minhas palavras: essas linhas todas de branco, sangue e espírito, recortes esparsos de luas anteriores, remansos perenes de multidões e pequenas belezas cotidianas.

Durante minha trajetória margem adentro da crônica, pude auscultar um bom tanto de minhas limitações mais mundanas, manias e redundâncias, oferecer ao diálogo um trago forte de cachaça e sarjeta, fixar peculiarmente ao chão meus desígnios de literatura e isolamento.

[Essa forma específica que encontramos para lidar com a solidão.]

Busquei escrever o que me foi possível, refletindo o melhor e o pior de mim da maneira mais honesta, sincera e canhestre, recorrendo – eu sei – a certos beletrismos pouco em voga entre meus contemporâneos, mais coerentes e livres do que eu. [Envelheci no segundo ano de alfabetização, quando comecei a me plagiar infinitamente.]

Expirei decadências e melancolias, sonhos e planos de gavetas íntimas, sempre expus minhas mulheres, paixões e desejos, e só não enveredei para a totalidade de meu coração por medo

e covardia – um escritor que desejou muito e em silêncio, embora incapaz de disfarçar seus objetos.

Tentei, caro leitor, não entregar ao bandido, não fotolegendar o texto, me solidarizar com os cães da noite e com as mulheres apaixonadas e sofridas, nunca deixando de enxergar o mendigo por conveniência ou condenando vícios e pecados alheios, também por tê-los em numerosa conta. Li muito, mas muito menos do que quis, repeti porque repetitivo, reli quase nada para não escrever eternamente a mes-

ma sentença. Chorei em muitos filmes e sonhei em muitas sinfonias, assim como ouvi e deitei com muitas prostitutas. Optei gravar a própria vida por razão empírica e retirá-la da realidade mais bruta e gris. Contratei um deus próprio e lhe disse ao primeiro dia: 'Vamos capturar a tragédia estampada em cada anônimo de nossa rua'. Nunca fui mais do que isso.

O que tanto consegui? Não sei. Talvez tenha escrito ouvindo muito meu próprio crítico e tenha vivido menos apaixonado do que deveria. Receio não ter

escrito a palavra mais derradeira e pungente para os momentos tristes daquela moça de olhos azuis – que sempre entristecia nas noites de chuva – e transcrito menos a vida que não tive, tanto por indolência, quanto por comodismo.

Talvez tenha amado de menos e não tenha transcursado a fortuna de todos os corações que palpitam.

Ademais, fui cronista e nada.

Carlos Dala Stella

**EXATO**  
CENTRO EDUCACIONAL

**Pré-vestibular e Enem - Ensino Superior Curso Técnico**  
**Preparatório - Graduação Pós-Graduação**  
**Aprendizagem Empresarial e Industrial**

Fone: (41) **3552-1542 / 3552-5895**

Av. Dr. Victor do Amaral, 1020, 2º andar - Centro - Araucária | [www.exatoeducacional.com.br](http://www.exatoeducacional.com.br) | [exato\\_cursos@brturbo.com.br](mailto:exato_cursos@brturbo.com.br)



João Felipe Gremski

# Solange da Silva Cardoso

Solange da Silva Cardoso morta a tiros,  
Mais um nome na multidão,  
Mais um rosto pobre, sujo, ignorante  
Mais alguém que sempre foi ninguém,  
Não era patroleira, presidente, investidora...

Era Solange, zeladora, limpadora, pecadora.  
Mulher mãe, que nasceu como todos nós,  
Sofreu os dias, pagava impostos,  
Pagava mais do que devia, recebia menos do que merecia,  
Solange morta, Solange de deus, sempre na igreja  
Arrependida.  
O mundo sempre é injusto com você, mulher humilde,  
Não há norte a quem é guiado, a quem é sufocado,  
Seguem imposições apenas por não saber contestá-las,  
Questioná-las.

Solange agora não respira, nunca inspirou ninguém,  
Vi seu nome nas notícias, mais uma morta, ninguém  
Liga,  
Ninguém nunca ligou.  
O portão da escola não protestou, o som dos tiros  
Nunca ecoou,  
Solange morreu e não sofreu,

Sujou de sangue o chão que ninguém limpou, não  
Havia mais Solanges,  
Todas estão mortas na sociedade, escravista,  
Tecnológica e futurista,  
Não há futuro para quem não tem futuro.

E morreu Solange, sua morte tem um fim, não há  
Interesse em nada aqui,  
Morta a tiros diante de uma escola que nos  
Ensina a ter medo de nós,  
Dessa morte não há dinheiro, nem o  
Centavo a protestar,  
Solange morta enquanto trabalhava  
Não é notícia, para nada serve.

Tudo melhora aqui dentro das cercas  
Elétricas, há comida, segurança  
E oportunidade, a democracia dá seu tom  
De maravilhas, igualdade  
E a Solange ignorante, pobre vítima do azar iminente,  
Está morta,  
Descansa tranquila, na segurança de lírios e rosas,  
Ignorada e ignorante, como a vida  
A ensinou.

Erne... O Colono

# Verbo

E  
O  
Verbo  
Se  
Fez  
Carne  
E  
Habitou  
Entre  
Os  
Homens  
  
Oh!  
Poeta  
Quando  
Ninguém  
Te  
Entender  
Refugie-se  
Em  
Mim

Afonso Caramano

# Os mesmos Olhos

Não se chamava Bento, tampouco parecia casmurro. Durante anos o vi atravessando a rua em frente ao antigo empório do qual era dono. Nos últimos tempos passou a usar uma bengala, mas continuava a chegar pontualmente às oito horas para abrir o lugar, frequentado por uns poucos fregueses. Certamente não dependia daquilo para viver, em outros tempos talvez. Mantinha o ponto em funcionamento por hábito, quem sabe se para distrair-se e não pensar bobagens.

Entrei umas duas ou três vezes no local. Balcão de madeira maciça, enegrecida pelo tempo, garrafas de aguardente nas prateleiras empoeiradas ao fundo, potes de pimenta, num dos cantos pequenas tulhas de arroz e feijão para venda a granel, e muitos rolos de fumo dependurados nas paredes, o que dava um cheiro acre ao ambiente. Esperou que eu pedisse alguma coisa, atendeu-me e voltou para o canto do balcão. Não o encarei em nenhuma das vezes, limitando-me apenas a observá-lo de soslaio. Dizia-se na vizinhança que vendia fiado para algumas famílias carentes e nunca chegava a receber, também costumava distribuir pedaços de fumo e palha para mendigos, que viviam debaixo de um dos viadutos das redondezas.

Havia dois dias não abria o armazém. A rua permanecia indiferente às velhas portas fechadas. Pouca gente que passava diariamente por ali perceberia, senão pelo transtorno das obras, se o prédio fosse demolido para dar lugar a uma moderna construção. Seria o curso natural das coisas, em sua contínua sucessão, afinal. Mas só a memória poderia legitimar certas lembranças ou o temor de perdê-las para sempre. Por isso, talvez devesse arriscar uma última vez e recompor as peças no tabuleiro, não as que me faltavam, mas sim as dele, quem sabe a de ambos, que me ajudariam a entender os fatos, a lacuna de tantos anos.

Via-me no rosto dele, agora mais ausente. E não tinha coragem de procurá-lo na casa dele, não muito distante do empório. Receava o pior, o silêncio da residência também vazia. Reatar certos laços é sempre mais difícil que desfazê-los. Há muitas formas de ser infeliz, e cada um é infeliz à sua maneira. Além do mais não poderia presumir se ele realmente desejava reatar as pontas partidas de sua vida; e se caberia a mim essa tarefa, ainda que contrariando o destino.

Hesitava, todavia, parado no frio corredor do hospital diante do quarto do velho. Tudo se misturava numa penumbra como a do corredor que levava ao seu escritório, nos fundos do an-

*“O meu fim evidente era atar as duas pontas da vida, e restaurar na velhice a adolescência”*

*(Assis, J.M. Machado de – Dom Casmurro)*

tigo casarão. A réstia de luz escapando pela porta entreaberta – e o menino ali parado, sem saber ao certo o que estava acontecendo, a não ser pelas vozes alteradas dos dois. Adivinhava mais que a discussão pudesse revelar. E não tinha coragem de girar a maçaneta da porta branca do quarto de hospital. Um enfermeiro ofereceu ajuda, se estava tudo bem, minha aparência não devia ser boa. Apenas assenti com a cabeça, estava bem – ao menos imaginava, sem me dar conta que fora sempre à custa da imaginação que preencheria os vazios dos pequenos gestos diários. Intempestiva, a mulher bateria a porta atrás de si, os olhos marejados de procela. Atravessaria o longo corredor para sempre, e seria uma parte da verdade. Eu vacilaria ainda alguns instantes antes de afastar a porta, e vagorosamente mergulhar na luz fria do quarto, aproximando-me do leito do velho. Não era senão a outra verdade o que buscava, talvez. Então, se ele me olhasse com o meu rosto, lhe diria, com os mesmos olhos de minha mãe, olá, vim visitá-lo.

# Sobre as sombras do abacateiro

Munique Duarte

Zaclis Veiga

E não é que de repente chegamos ao lugar que tanto queríamos? Mas devo lamentar a perda de meu par de brincos, de ouro branco, cheio de pontos de diamantes. Uma fineza, jóia raríssima, que poderia assegurar meus próximos anos, já que certeza nesta vida nunca temos. Mas, por enquanto, eu fico com o perfume deste jardim lindo que achei que nunca fosse ver mais. Cada flor com cheiro único e maravilhoso de... Flor. E até meia dúzia de borboletas apareceu, sempre

enxeridas, comendo suas porções minúsculas. Agora que me afastei do grupo, pude respirar ar puro e pensar melhor na minha vida daqui para frente, com minhas próprias certezas que podem não ser as mesmas do destino.

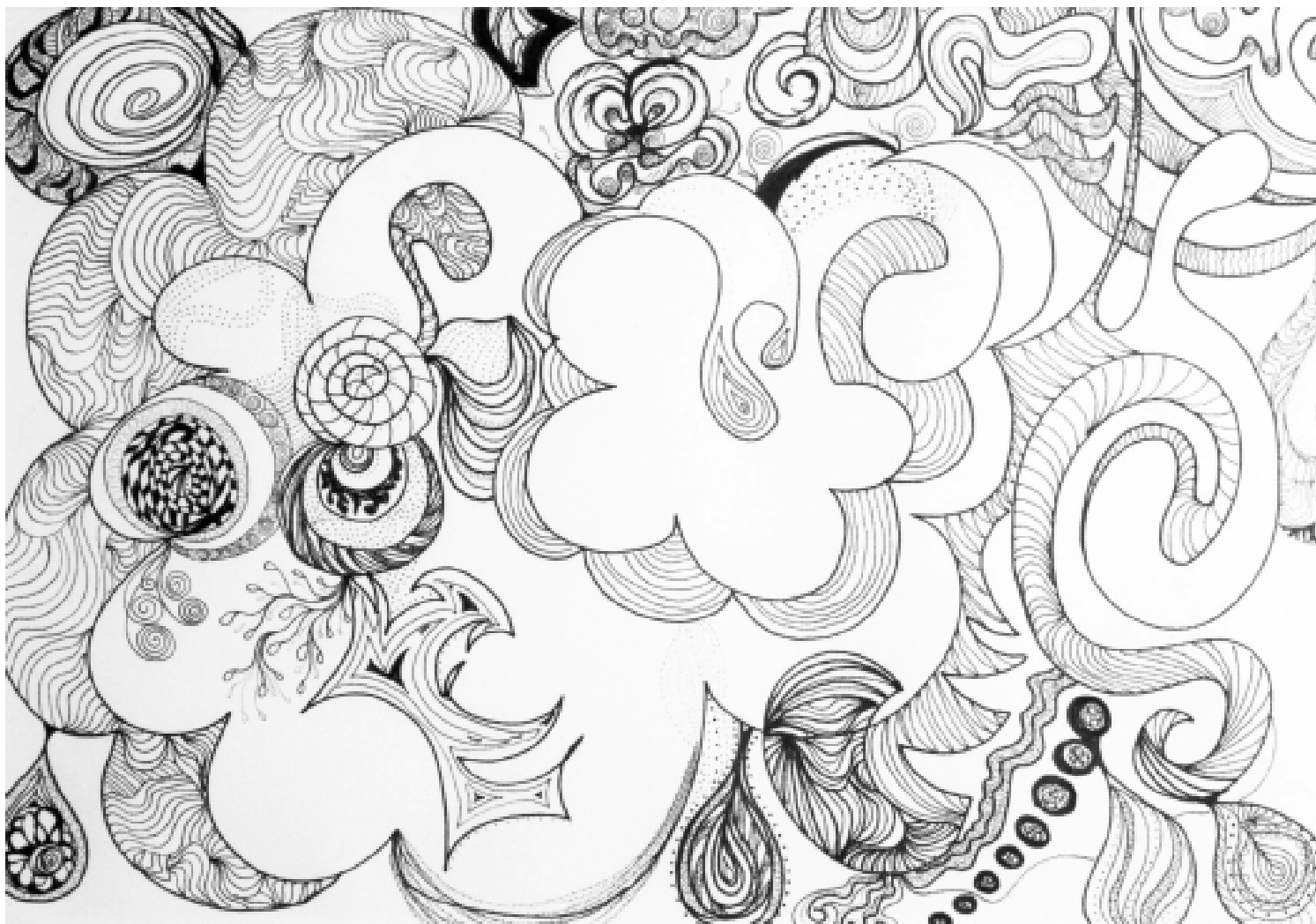
Tantos anos se passaram e ela rainha de todo esse império. Império para mim, afinal nunca tive nada de muito expressivo. Os banheiros devem precisar de uma boa reforma, mas isso é com eles e não comigo. Com qual quarto devo ficar? Devem ser uns seis ou sete. Ainda bem que não há cães. Mesmo limpos, são sarnentos, enxeridos, piores que as borboletas, comendo suas porções exageradas. Sem canil, menos um trabalho árduo. Eles precisam entrar primeiro. Se eu mostro minha cara de antemão,

posso não ser compreendida. Talvez seja linhada. Linhada por ela e sua corja de empregados. Mas eles já têm seu destino certo. Foi dureza alugar este carro e chegar até este fim de mundo. Mas eu jurei a ela, ainda lá naquela velha casa, debaixo do abacateiro e pisando em suas folhas caídas de outono que o destino sorriria somente para uma de nós duas. E não é que quem sorri agora sou eu? Eles já devem ter feito o serviço. Os empregados ficarão pianinhos. Daqui a pouco verifico se há rastros e se os banheiros precisam de reforma urgente. Ainda tenho que procurar meus brincos de ouro branco. Mas deve haver outras jóias em gavetas, caixas, cofres, porções... Ela deve ter ficado rica, essa bruxa agourenta. Nossa mãe que nos perdoe.

Ou melhor, que perdoe essa bruxa agourenta que edificou seu futuro em bases sólidas. Eu sempre fui a viajante, a aventureira, a despachada, a que arrisca. Esse império de dez ou onze quartos deve ser meu. Eu avisei lá no abacateiro. Já vou subir e entrar. Tenho que verificar os banheiros, que precisam ser reformados. Não posso urinar nos mesmos vasos sanitários que ela usou uma vida inteira até aqui. Eles estão demorando. Alguma coisa deve ter saído errada. Ela é uma cadela mirrada e seus empregados são dois ou três. Não é possível que depois de tanto tempo, tudo deu errado. Planejei cada milímetro da ação. Eles são três. São eles que sempre me protegeram, e tudo sempre deu tão certo. Homens de ferro. Eles me prome-

ter a porta aberta para eu entrar depois e finalizar tudo, com glória. Eles não cumpriram com a parte deles.

Ela que sempre edificou tudo em bases sólidas. Não é possível que a sua esperteza ganhe da minha visão de mulher vivida, cheia de planos, caretas, mutretas... Vou ficar aqui até o dia amanhecer. Tudo o que eles tramarem lá dentro eu saberei descobrir. Mais cedo ou mais tarde eles sairão. Serão muitos contra uma só, mas enfrentarei. Eu tinha que perder meu par de brincos de ouro branco e diamantes exatamente neste momento tão difícil! Mas eu tenho a razão. Eu jurei mais alto que ela. E borboletas ou cães não me derrotarão agora. Eu juro sobre essas folhas de outono desta árvore desconhecida.





# O Café da Manhã

Cheguei correndo na cozinha. Como todas as manhãs, a leiteira já estava no fogo, e o pai tomando café com o jornal aberto. De manhã, ninguém conseguia ver o rosto do pai, pois ele sempre estava atrás da papelada. Parecia um homem-jornal. A mãe estava preocupada em desligar a leiteira, daquelas que apitam quando o leite está quente. Alguém ia ter de me escutar:

- Eu quero ir ao circo!

Ninguém falou nada. A mãe estava ainda meio zozna com o apito da leiteira e o homem-jornal apenas virou mais uma página. Talvez falando mais alto alguém escutasse:

- Eu quero ir ao circo!!!

A mãe finalmente percebeu que eu estava na cozinha e o homem-jornal virou mais uma página.

Luiz Andrioli

## Bentinho

Marcelo Lima

No meio da tarde, encontro Tó, que nos leva à casa de Bentinho, no mesmo bairro alto onde se encontra a rádio.

Num banco de madeira sem espaldar, apoiando as costas na cerca de madeira corroída, dois homens ossudos conversam pacientemente. Tenho a impressão de que passaram o século inteiro grudados àquele assento, envelhecendo com a árvore e a pintura branca da casa. A monotonia só é perturbada quando o cachorro anuncia os vindouros.

Quando nos vê chegar, o companheiro de prosa se despede, deixando-nos sozinho com o tropeiro. Logo se desfaz minha primeira ideia de Bentinho. Apesar de ter vivido nove décadas e se expressar com uma voz de disco em rotação lenta, tem perfil desempenado, capaz de levantar-se presto ao banco, rompendo o relaxamento.

Recebe-nos com cordialidade, conforme a tradição tropeira.

Informo que gostaria de saber como era a vida dos tropeiros dos Campos Gerais. Ele diz que ultimamente tem "ficado famoso". Quatro jornalistas o procuraram com o mesmo intuito. Não sabe muito bem o porquê do interesse. Mas se é pra prostrar é com ele mesmo.

João Macul

**BANCA**  
**Zanella**

\* Jornais \*Revistas \*Livros

\*Recargas de celular \* Presentes

**41 3031-6594**



Rua Pref. Aleixo Grebos, 210, Fazenda Velha - Araucária - PR  
(ao lado do Peritran - próximo à Câmara Municipal)

**Rua João Pessoa, 35**  
**Tels: 3642-3690/3031-7040**  
**fiskaraucaria@fiskaraucaria.com.br**  
**www.fiskaraucaria.com.br**

**FISK** ARAUCÁRIA



# Relato de um passageiro

Leandro Silva

Eu estava lá, no último banco cinza do ônibus. Sossegado, feliz, um sentimento, de fato, incompatível com transporte público. Mas não é todo dia que se encontra um assento livre às 8h30 da manhã na cidade de São Paulo. Perto da comum aglomeração de passageiros que se vê no dia a dia, sentar, realmente, deixou-me feliz.

Usei alguns minutos para me adaptar ao banco. Senti o fofinho da almofada em minhas costas, soltei as pernas sobre o chão imundo e relaxei. Quanto conforto! Observei meia dúzia de pessoas pelo corredor apertado e voltei os olhos para a mochila. Deslizei o zíper para o lado esquerdo e retirei um livro.

Percorri os dedos pelas folhas amarelas e abri na página 47. Um marcador ajudou-me na precisão do trecho desejado. Corri o olhar pelas primeiras linhas e a história invadiu minha mente. Já não fazia mais parte do ônibus; fui abduzido.

O conto se passava nos EUA, em Nova York. Assim, troquei o calor do carro coletivo pelo ar frio das ruas da cidade em um típico dia de inverno. Era como se eu, de fato, fizesse parte da vida das personagens. Algumas frases, inclusive, aproximavam-se da realidade. Uma delas principalmente: "Frank era um poço de incompetência, mas, por causa de seus contatos pessoais e anos de 'serviço', era praticamente intocável."

Prossegui com a leitura. De repente, algo confundiu minha cabeça. Por um instante, meu cérebro registrava apenas duas palavras: putaria e orgia. Os termos, lógico, não eram compatíveis com minha leitura. Desesperei-me.

Tentei buscar resposta para o corte brusco de informações. Estaria Frank (do livro) relacionado à orgia e/ou putaria e, daí, surgiria o atestado de incompetência? Será que os vários contatos tinham algo a ver com promiscuidade? Não era possível. Aquilo, definitivamente, não poderia ter saído da

obra. Um flash cortou meus pensamentos. Abandonei o imaginário americano e voltei à realidade. Imediatamente um ruído tomou meus pobres ouvidos. Era assim: "vem putaria, vem putaria!"

Orgia, orgia!" Virgem santíssima, o que seria isso? De onde viria esse conjunto tão desprezível de palavras? Eu morri? Estaria no inferno?

Olhei para o lado. Ela estava colada ao meu braço direito. Jovem, não passava dos 23. Ar displicente, fisionomia de menina, corpo de mulher. Sua mão, com unhas estranhamente verdes, envolvia um celular prata da marca Motorola. Do aparelho, enfim, saía o maldito barulho que atrapalhava minha leitura.

Num primeiro momento fiquei preocupado. Achei que o telefone da garota pudesse estar com defeito de fabricação. Talvez precisasse de um recall por reproduzir tamanha baixaria. Quase me propus a ajudar, mas logo desisti.

Uma mistura de ódio e indignação tomou o meu ser. Quis reclamar, mas tive medo de ter as unhas verdes cravadas em minha jugular até a morte. Não podemos esperar atos civis de alguém que ouve "música", dessa forma, em transporte público. Não, melhor não arriscar.

Na mesma proporção com que o celular ia atormentando, a raiva ia me consumindo. A moça trocava de faixa, balançava a cabeça ao som do ruído e sorria. Outros passageiros torciam o nariz, alguns bufavam. Nada a intimidava. A jovem até percebeu algumas caretas, mas, naturalmente, fez vista grossa.

Uma criança acompanhada da mãe, no banco da frente, perguntou: "mamãe, o que é orgia?" A mulher, uma senhora sisuda, ficou desconcertada com o questionamento. Levou a mão direita à testa e rapidamente fez o sinal da cruz. Deu ordem à menina para que nunca mais pronunciasse uma coisa daquelas. Disse ser feio e que

o bicho papão pegaria as criancinhas que repetissem aquilo. Tapou as orelhas da filha com os indicadores, amarrou a cara e seguiu.

Com o raciocínio abalado, fiz certo esforço e ainda pude pensar. Concluí que é possível encontrar fone de ouvido por menos de R\$10. Veja só. R\$10 e a paz das pessoas de volta. Não conseguia entender. Se um fone é absolutamente acessível, por qual razão ouvem música sem ele?

Desolado e sem solução para minha pergunta, imaginei recorrer à legislação. Há placas visíveis nos coletivos que proíbem (ou deveriam) o uso de aparelhos sonoros. No entanto, recordei-me de que legislação, no Brasil, é sinônima de piada. Se não vale para casos mais graves, vai funcionar com barulhinho de celular? Não!

O relógio marcou 9h20. Meus tímpanos já estavam destruídos. Senti o carro frear impetuosamente. Um ponto de parada. A garota dobrou o celular, levantou-se e seguiu em direção à porta. Vi a sensação de alívio nas faces de muita gente. Alguns cochichos ecoavam pelo corredor. Provavelmente excomungavam a passageira folgadinha. A porta, que já deveria estar aberta, enferrujada, travou na metade. Um rapaz à frente da tal moça deu duas bordoadas em um dos vidros. A passagem ficou livre. O rapaz desceu. A garota desceu. O veículo partiu.

Olhei pelas janelas e vi sumir, vagarosamente, a figura da insensatez. Encolerizado, fechei o livro. Guardei. Não havia mais condições para ler. Já sem forças, só fui capaz de julgar que lei, por aqui, não funciona; que o ser humano, racional, muitas vezes, impressiona e que a falta de respeito ao próximo, simplesmente, detona. Cheguei ao destino.

Amanda Queiroz

*Panificadora e Confeitaria*

*Pão e Vinho*

Trabalhamos com livros sob encomenda

(41)3642-3552

Av. Dr. Victor Ferreira do Amaral, 1136 - Centro - Araucária - PR

**ADVOCACIA**  
ASSESSORIA JURÍDICA

TRABALHISTA | EMPRESARIAL | CRIMINAL | JUIZADO ESPECIAL  
CÍVEL Inventário, Usucapião e outros | FAMÍLIA Divórcio, Alimentos e outros

**Dr<sup>a</sup> Marisa C. França dos Santos**  
OAB/PR 53125

41 3031.5259 / 3031.4688  
41 9640.8786 / 9644.8114







# Meu amor tardio

Começou na madureza meu amor por eles.

O quintal de casa era de balaústras podres, e o portão tinha como dispositivo de segurança apenas uma tramela de madeira, frouxa pelo uso. Preso a um fio de arame, que ia de um canto ao outro dos fundos do armazém de meu padrasto, onde se localizava uma porta que poderia ser facilmente arrombada, corria nosso cachorro, da indecisa raça Policial, com um nome americanizado: Bob.

Bob não fazia parte dos brinquedos, era nosso guardião e pertencia ao universo produtivo de meu padrasto. Eu e meus irmãos brincávamos com os gatos, também sem raça, que se criavam pela vizinhança. Tínhamos apenas uma gata que era realmente nossa, cujo nome, eu descobriria logo depois, era extremamente obscuro. Chanona. Derivativo carinhoso de bichano, mas com uma sonoridade impronunciável em ambientes mais formais. De tempos em tempos, Chanona aparecia prenhe. Em um de seus partos, mais afeiçoada à ala feminina, preferiu dar cria na gaveta da cômoda do quarto de minha irmã, para desespero de minha mãe, que sempre achou que lugar de bicho é no quintal. Tirávamos os filhotes, mas a gata não aceitava aquela abrupta mudança de endereço e voltava, trazendo os filhotes, um a um, pela boca.

Os filhotes não nos pertenciam. Ficavam um tempo com a gente, até que desmaassem, e depois meu padrasto dava um fim neles. Permanecia a gata já velha, que tínhamos herdado dos antigos donos da casa.

Quando estava chegando a época de meu padrasto fazer desaparecerem os gatos, minha irmã e eu começávamos a sofrer. Em um desses momentos, resolvemos sequestrar os filhotes. Havia, na parte mais profunda do quintal, uma plantação já bastante desenvolvida de mandioca. Num galinheiro abandonado, no extremo do terreno, oculto pelas ramas viçosas do mandiocal, escondemos os três gatinhos da última safra. Nossa tarefa era contrabandear leite e água. Mas, no primeiro dia, pelo miado, o padrasto desvendou o sequestro. Enfiou imediatamente os gatos num saco de estopa e saiu em sua bicicleta cargueira. Eu o segui em uma Calóí infantil, comprada de segunda mão, e que todos em casa usavam.

Não havia dúvida. Ele os mataria. Eu queria ver seu ato para odiá-lo para sempre. Mas ele parou perto de uma casa, do outro lado da cidade, e soltou um dos bichinhos. Mais adiante, soltou outro e, já na área de chácaras, libertou o último. Quando Chanona morreu, nós já não éramos mais crianças e nem sentimos sua falta. Bob perdera o prestígio na empresa. Depois de roubarem o armazém, os ladrões amarraram-no no palanque da área de nossa casa e, pela manhã, meu padrasto encontrou-o dócil e apalermado. Passou a ficar solto no quintal e, numa de suas fugas, sempre por motivos de ordem sexual (ai de nós!), foi atropelado por um caminhão da prefeitura. Ninguém chorou sua partida, já estávamos na época de chorar por nossas próprias desilusões amorosas.

Anos depois, o coração calejado por outros sofrimentos, voltei a relacionar-me com os animais. Ganhei uma bóxer de uns vizinhos, absolutamente nazistas, de quem ela herdara o gênio agressivo e racista. Não ficou mais do que uns meses em nossa casa. Minha mulher, grávida, resolveu devolvê-la aos antigos donos, com a desculpa de que era alérgica a pelos de cachorro.

Quando nossa filha completou um ano, aproveitei a história de que crianças pre-

cisam de animais e comprei uma beagle, a quem dei o nome literário de Capitu e de quem, desde cedo, passei a exigir fidelidade doentia. Só eu trocava sua água, limpava a grama, saía com ela para passear. Durante minhas viagens, ela tinha depressão, não comia e estragava tudo que encontrava em suas crises de revolta. Jamais gostei de fêmeas escandalosas, que querem chamar a atenção diante de nosso menor esquecimento. Dei-a a uns conhecidos e ficamos livres de seu olhar oblíquo.

Em um dos natais, nossa filha, já em idade da decisão, com seus experientes sete anos, trocou todos os presentes oferecidos na tevê por um cãozinho que, segundo ela, podia até ser sem “marca”. Numa visita a uma feira, em meio a tantos exibicionistas, ela escolheu uma cocker triste e quieta, de quarenta e cinco dias. Perguntei por que queria aquela:

– É a única que fica olhando pra mim.

Em casa, o transtorno. O primeiro, escolher um nome. Bonitinha. Depois Lindinha. Em seguida, Nala, que acabou sendo o eleito, mas que não pegou. Por seu pelo claro, passei a chamá-la de Polaquinha, minha filha protestou, mas é esse o nome dela na intimidade da família. Diante de suas amiguinhas, só nos referimos a ela, respeitosamente, por seu nome de batismo.

Resolvido o problema do nome, começaram os achaques, próprios da idade. Diarréia. Corremos para o veterinário. Um animal peçonhento mordeu seu focinho, de volta ao veterinário. Que começou a faturar mais do que o médico da família. Vacinas. Ossos artificiais. No dia do aniversário de minha filha, minha mãe deu, em vez do tradicional brinquedo, um bom dinheiro para que ela comprasse o próprio presente. Ela gastou tudo numa pecuária, com coleira, guias, xampu e outras coisas caninas. Ficamos orgulhosos do desprendimento de nossa filha. Mas os gastos aumentaram. Construção do canil. Roupas pro inverno. Banhos semanais.

Ao chegar em casa numa tarde, não a encontramos. A primeira hipótese: fuga. Mas ela, tão caseira, não fugiria. Então: roubo. Todo mundo adoraria ter uma cachorrinha daquela. Saímos pela rua na tentativa de encontrá-la. E, ao voltar, ouvimos um arranhado no quarto de brinquedos de minha filha, onde ela tinha sido presa, por descuido. Nunca a alegria foi tão compartilhada.

As filhas hoje crescem muito rápido. Camila já me pediu, para este Natal, um computador. A Polaquinha não é mais novidade entre as amigas. Minha mulher vive envolvida com seus projetos. A empregada cuida da casa e de todos nós, que já damos muito trabalho.

Fiquei condenado sozinho a um amor sem medidas. A cadelinha reconhece de longe o barulho da porta de meu carro, quando chego. Só dorme depois que apago a luz de nosso quarto, cuja janela dá para o canil. Acorda e late todas as vezes que vou ao banheiro, à noite. E corre para o banco do jardim assim que saio para o quintal. Sabe que vou me sentar um pouco e espera impaciente por afagos.

Da minha parte, caminho alegre com ela. E sempre tenho em minha memória, no lado das coisas boas, sua feição leonina.

## por eles

Miguel Sanches Neto

# confissão

Claudio Rosa

É confissão que você quer? Tudo bem, eu te contarei, pode sentar que eu te conto:

Sim, eu ia na igreja todos os domingos, via a missa, rezava e todas aquelas coisas, e depois comia o corpo de cristo, rezava mais um pouco e ia embora. Depois eu tinha que ter o sangue de cristo, uns anos atrás eu parava em um restaurante e pedia uma taça de vinho e a tomava em uns três goles. Depois ia pra casa, passava pela pracinha atrás da igreja, entrava na vielinha e pronto, ficava vendo tevê, comia alguma coisa e dormia, mas as coisas mudam com o tempo e comecei a beber o mesmo vinho em dois goles, depois passei a um gole. Chegou um dia que pedi duas taças, depois foram três, uma garrafa... Queria me encharcar com o sangue de cristo, quem sabe minha vida mudasse, mas eu precisava mais, comecei a me dedicar cada dia mais, lia sempre a bíblia, e sempre chegava mais cedo na missa de domingo. Mas não era suficiente, o vinho não era suficiente, comecei a ir em várias missas e comer o corpo de cristo e em cada restaurante perto da igreja tomava vinho, mas a dor foi crescendo, eu precisava cada dia mais de cristo, foi quando eu vi a inocência e ela vestia saia e uma camisetinha, era linda a inocência, ela ia sempre pelo mesmo caminho e sentava na pracinha pra tomar sorvete, e eu bebendo o sangue de cristo, meu coração apertou, a dor foi muito grande, não queria que ela me visse neste estado, então desviava o meu olhar, mas ao mesmo tempo ela me atraía e me acalmava, fui até ela, perguntei qual era o seu nome, perguntei onde estava sua mãe, perguntei o que ela queria, perguntei se ela podia me ajudar, a levei pra minha casa passando pela vielinha, a coloquei sentada perto de mim no sofá, ela tão pequena, pura como cristo, a dor voltou, eu precisava do sangue de cristo, eu precisava, eu precisava, ela me ajudou, eu me banhei e bebi do sangue puro de cristo, aquilo me acalmou, me revigorou, liguei a tevê e fiquei tranquilo, ela foi a primeira. Hoje tenho mais cristo em mim, eu sou a prova viva de que cristo pode existir em cada um de nós...

Pronto era disso que você precisava? Agora me dê licença, pois preciso rezar algumas ave-marias e o pai nosso.

João Macul



# Beócia carta para um mundo igualmente etc.

Rogers Silva

*Para Lygia*

É uma carta, saiba, caduca como o mundo, como eu, que dele faço parte, embora não concorde com seu sistema, criado por todos, menos por mim, motivo justamente de eu não concordar. Uma carta de pedido de socorro, como queiram, sabendo eu que nem Deus já poderá me ajudar, com o perdão do clichê. Uma carta de quem sorriu a vida inteira para os outros, para mim mesmo no espelho e às vezes para ninguém, preocupado, sobretudo, em não desaprender do artifício duro (sorrir), dado este mundo idiota, para não dizer caduco novamente, ou caótico, repetindo o c. E por isso – pelo meu riso ora tresloucado e sem sentido, de alegria, ora para camuflar a angústia ou náusea que aqui dentro se permitiram (e não eu permiti) entrar – e por isso me tacharam louco, apesar de eu nunca acreditar num ser humano que não seja eu mesmo, não obstante a minha dita loucura, ou lucidez, como prefiro chamar, amarga. E amargo o choro de agora, entremeio à noite de estrelas faiscantes, creio eu, pois estou olhando para o teto, e não para o céu. Prefiro imaginar as noites a nunca ter as olhado, independentemente se feias ou bonitas. O choro alcança o paroxismo, não fazendo a mínima idéia do que isso significa, enfim, é um choro de doer, com lágrimas, soluços e tudo. E música. Sim, a música é para dar poeticidade às palavras, à carta, que, se chegar onde pretendo, fará muito sucesso, já decepcionado eu de somente fazer sucesso depois de morto. Morto? Pois é, escrevo esta justamente para dizer-lhes, quem quer que sejam esses lhes: vou me matar, ainda que não saiba como. Sei que quero uma morte tranquila, sem sangue, como assim não o foi minha vida, bem insignificante, posto que mais aventureira e cheia de emoções que a sua. Cheia de música, de choros, de danças, às vezes macabras, de incertezas, sobretudo – daí de ser melhor que a sua, banhada em rotina e lucidez, embora pseudo, com o perdão do grego. Minha vida foi farta de paixão, na maioria das vezes censurada, por ser direcionada ora para prostitutas ora para mulheres casadas (e infelizes) ora para pessoas do mesmo sexo, a saber, masculino. Quero delicadamente

lhes falar que enfiem suas tradições, seus sistemas e sua religião no meio do CU, não antes de limpá-lo para dar-lhe uma aparência melhor, visto que é o que mais lhes preocupa. Vou pegar esta carta, ou missiva (para soar mais erudito), e colocá-la numa garrafa, sabendo de antemão que teria mil alternativas mais criativas. Prefiro, porém, que a garrafa e consequentemente a carta (posta dentro) tenham vida própria, mesmo que para isso corram o risco de o mar, como sempre indeciso, não saber aonde levá-las, ou deixá-las afundar, o que seria poético, no entanto, estéril, pois creio eu que os peixes ainda não aprenderam a ler, oxalá nunca aprendam!, para não ter que ler tantas porcarias que têm sido escritas, dentre elas isto, que se nomeia (eu nomeei) carta. Inclusive, a título de corroborar o assunto, se a água decidisse entrar na garrafa, a folha, não plastificada, molharia, se para o fundo do mar afundasse, e rasgaria, ou se desmancharia. Dada a cena que esmaga a minha mente já esmagada (se não, não estaria aqui, e assim), decidi, por unanimidade, ou seja, um voto a zero, suicidar-me. Vejo palhaços, e sinceros (o que é pior) mortos, com um sorriso nos rostos, em rostos (para ser mais exato) feios e iguais ao meu – por isso do meu arrependimento e da conseqüente decisão de me matar, porque não vejo, por enquanto, alternativa melhor (se tem, por favor, venha me informar qual, no máximo em vinte minutos). Liquidei quem não merecia ser liquidado. E,

então, morri (prenunciando o futuro), posto que depois, daqui a pouquinho, após eu acabar de escrever, colocar na já citada garrafa e jogá-la no mar, ou num rio que para lá vá, como todos os rios, acredito eu, contrastando com o resto, no qual já não acredito mais, sobretudo em deuses. Fiquem eles com sua cômoda condição de não-ser-humano. Se aqui estivessem, veriam minhas lágrimas e, junto, o riso convulso que me toma por completo, inclusive na altura da cabeça do pênis, já muito não usado. A caneta tá... falh... por... porra! Troquei de caneta, agora vermelha, da cor do sangue de meus companheiros, que aqui estão, embora mortos. Que suas almas vão para o céu, ou inferno, dependente se foram bonzinhos ou não. Deus sabe de tudo, bom ou ruim para Ele. Mas eu não! E não sabia quando atirei, e rindo, alto e descaradamente, em todos, com suas mochilas, cadernos, canetas e outros acessórios completamente desnecessários, para não citar, por simples questão de ética educacional, os acessórios-professores (ou mestres), noventa por cento deles também dispensáveis, sobretudo os arrogantes e cheios de sabedoria, falsa, deixemos bem claro este detalhe. Culpo-os por me deseducarem, apesar de eu ter aprendido a somar, dois mais dois é igual (ou são iguais?) a três. Deus meu, Deus meu, por que nem o prazer de me desamparar me deu, já que nunca estive próximo a mim? Somando os prós e os contras, fico feliz no que fiz: dois revolucionários a menos no mundo, daqueles que citam Marx e encham a boca ao falar de comunismo, mas não têm coragem de dividir o pão com o melhor amigo. Menos três ou quatro mulheres bonitas, porém intransponíveis (por que se arrumar tanto, se não transa com ninguém, ou tão-somente com quem tem dinheiro?). Menos cinco viados que olhavam para o meu pinto quando eu mijava no banheiro, provavelmente para compará-lo com os pintos alheios, nos quais já burilaram, e chuparam. Menos um débil mental (odeio débeis mentais) de óculos que custava conversar, mesmo sendo o orador do local em questão. Menos o Meu amor, o Meu grande amor (e disso não me sinto feliz, mas sim desesperado, e começo, novamente, a chorar), o Amor que, juntos, ríamos (alto e descaradamente) e chorávamos, na cama ou pelados, no

banheiro ou com roupas, mesmo dormindo, nos sonhos, harmônicos como o céu e a terra, não levando em consideração os seres que lá e aqui se encontram, que, vamos ser sinceros, nunca combinaram, deuses e humanos. Olho no espelho (no espelho da minha imaginação) e vejo um rosto e olhos vermelhos, posto que azuis no meio do branco avermelhado. Olho no espelho (no espelho da minha imaginação) e vejo um cara gordo e risonho, que mais parece um babaca, daqueles que riem pela coisa mais idiota do mundo, também idiota, palavra idiota, usada por um narrador (ou cartista) idiota. Porra!, e esse choro agora convulso? Deus meu, Deus meu, se não me abandonou (partindo do pressuposto que já esteve alguma vez comigo), preferiria ter Você me abandonado e não Meu amor, já que fazíamos amor, e ríamos, coisas que nunca, eu e Você, ser humano e deus, nunca faríamos juntos! Olho no espelho (idem) e não vejo mais nada, pois as lágrimas são tantas! Tantas! E embaçam, turvam a visão, como a pouco aconteceu – e disso, dessa cegueira, ou lucidez exagerada, adveio a catástrofe (falo do Meu amor, e não dos outros). Já não sei o que falar. Bastaria a folha em branco, falaria mais do que mil palavras, estou chutando, não contei quantas escrevi, nem vou contar, tenho pressa em me matar. (Uma risada, solta e sincera, ao vê-los no chão, ensanguentados, mas dignos, nobres). (Rio para não chorar, mais). Todavia, choro. Pela última vez. Ainda bem. Não vou dizer adeus. Só direi meu nome, se a caneta nã... se... porr...



# Subindo pelas paredes ensaboadas

Humberto  
Werneck

Quais autores mais o influenciaram? — quis saber, gravador em punho, a menina do curso de Letras.

Como o quatrocentão que saca bandeirantes & barões para encorpar o pedigree, me veio a tentação bocó de desfiar nomes ilustres ou lustrosos, na tentativa patética de respaldar nos doutos minha prosa chinfrim. Todorov, Kristeva, Derrida. Saussure e sua súcia. Foucault? Fuquei! O que me resta de senso do ridículo me reteve; ainda não perdi, para usar uma bobice em voga, a loção.

Justiça me seja feita: houve tempo em que destemidamente me embrenhei na prosa farpada dos supracitados e de vários outros. Achava, e não estava enganado, que como aspirante às letras era obrigação minha desbastar não só os poetas e ficcionistas graúdos, como também os teóricos. Me lembro de ter atravessado, qual caruncho, os quatro volumes — em espanhol, ainda por cima — da Estética de Georg Lukács, para chegar à última contracapa com a língua (não a espanhola) de fora. Pergunte se guardei uma frase, uma ideia sequer daqueles livros, que depois revendi ao Fernando Mitre. Meu amigo e colega deve ter feito melhor uso deles. Vai ver que até vem destilando doses de Lukács na programação da TV Bandeirantes, da qual é diretor.

Me lembro também das incontáveis tentativas que fiz de ler os três volumes da Historia Social de la Literatura y del Arte, do não menos húngaro Arnold Hauser, e de como, ao cabo de umas poucas páginas, empacado ainda no Paleolítico, eu me sentia escorregar como por uma parede de azulejos ensaboados, até me esborrachar no chão dos ignaros. Se começarem a dizer por aí que não passei do Paleolítico, humildemente terei que concordar. Será culpa de autores húngaros lidos por brasileiro em idioma espanhol?

Pouco provável. Também não tive sucesso no desbravamento do Capital, e olhe que esse eu encarei em português. A mesma parede ensaboada. Já estava decidido a adiar a leitura do catatau para o Milênio Socialista quando um militante condoído me passou — por debaixo

da mesa, como inconfessável muamba ideológica — uma versão em quadrinhos da obra de Marx. O que sei de marxismo está no gibi.

Mas e a estudante de Letras, com seu gravador? Digo apenas que não lhe passei cheque sem fundos, posando disso ou daquilo; sem pretensão de pegar carona em cepas nobres da literatura, me limitei a enumerar autores que releio desde a longínqua adolescência. Até por se tratar de referências óbvias — Machado, Drummond, Graciliano —, não é caso de enumerar também aqui.

O que quero dizer, isto sim, é que me faltou a desconcertante petulância do Antônio Lobo Antunes. Indagado sobre influências, o grande romancista português, longe de vir, como qualquer dos pares, com joyces e balzacs (que por certo leu, e com proveito), abriu o baú de suas leituras de menino. Só faltou chegar ao almanaque do Pato Donald. E por que não, se a biblioteca infantil o formou — a ele e a todos nós, escritores ou não — bem antes de qualquer outra, naquela altura da vida em que, avestruzes literários, lemos o que nos caia nas mãos, até mesmo boa literatura?

Machado, Drummond, Graciliano, claro — mas também Disney. Se bobear, os catecismos seminais de Carlos Zéfiro, edificantes à sua maneira. Bem antes deles, Lalau, Lili e o Lobo, de Raphael Grisi, o primeiro livro que, recém-saído da cartilha, eu li de ponta a ponta, num canto do pátio da Escola 12 de Dezembro, tomado de irrepetível felicidade. Os desastres de Sofia, O general Dourakine, As meninas exemplares, O bom diabinho — até hoje não sei qual das histórias da Condessa de Ségur me deu mais alegria. Me encharquei também das aventuras de Tom Sawyer e Karl May, e das façanhas completas de Tarzan, by Edgar Rice Burroughs — existe ainda a coleção Terramarear, que já no nome, ao grudar palavras, nos tirava o fôlego? E que dizer do terrificante João Fel-pudo? Este merece tratamento à parte, até porque o autor me deve, por baixo, seis meses de terapia. Fica para a próxima.